

IDENTIDADE FEMININA: FRONTEIRAS DISCURSIVAS DE CORPOS CONSTRUÍDOS NAS TELAS DA TV

Ms. Rosemary Ramos RODRIGUES¹

Necessitamos do outro, mesmo que assumindo certo risco, pois de outra forma não teríamos como justificar o que somos, nossas leis, as instituições, as regras, a ética, a moral e a estética de nosso discurso e nossas práticas. Necessitamos do outro para, em síntese, poder nomear a barbárie, a heresia, a mendicidade, etc, para não sermos, nós mesmos, bárbaros, hereges e mendigos (DUSCHATZKY e SKLIAR, 2001: 124).

Vivemos num mundo conclusivo de que somos *isso* ou *aquilo*. Na relação identitária entre homem e mulher a constatação de diferenças, biológicas e culturais, acaba por legitimar/construir o lugar das identidades enquanto campos fixos, imutáveis e homogêneos. Nesse projeto de adestramento de corpos temos a TV e, principalmente, as telenovelas como construtores e legitimadores de identidades.

Apesar das suas novas e várias roupagens, os corpos dos e das personagens são aprisionados a modos de ser, viver, pensar, falar, amar, sonhar, desejar, etc., delimitando as identidades a esses campos e mostrando as e aos telespectadores modelos adequados e inadequados de identidade *normal* de homem e de mulher. Sendo assim, no presente trabalho, tenho o objetivo de discutir como a identidade feminina é constantemente construída e reforçada pela cultura midiática e os seus vários discursos, tendo como artefato cultural a telenovela, em especial Laços de Família.

Para tanto escolho a personagem Helena como fonte de análise por esta representar, para o discurso moderno, a essência de mulher, a mãe que ama seus filhos e filhas acima de tudo e de todos e é capaz de tudo por estes e estas.

Personagens como a de uma Helena, chefe de família, de uma Alma, tia e mãe ao mesmo tempo, e uma Capitu, dividida entre a maternidade e o mundo da prostituição, são cada vez mais comuns na televisão e na vida brasileira. Esta prática televisiva advém da concepção de que a novela é um veículo de propagação da *realidade*. Porém, compreendo que a novela possui um duplo movimento de acontecimento e ação: no momento em que tem a pretensão de apresentar uma *realidade*, a está construindo.

¹ Mestre em Educação pela Universidade Federal da Paraíba e professora de história nas faculdades Integradas de Patos e Universidade Estadual Vale Acaraú.

Estamos inseridos num mundo vivido e discursado pela mídia (televisão, internet, revistas, rádio, etc.), onde os sujeitos assumem uma pluralidade de identidades. Estas deixam de ser algo contestado como uno para tomar múltiplas formas. Constantemente estamos sendo bombardeados por imagens, sons e narrativas da mídia, que nos imprime formas de vida, sentimentos, hábitos e ações.

Parto do pressuposto que a mídia, principalmente a televisão, tem projetos explícitos e implícitos. Esta está envolta pelo discurso do controle. Na sociedade de controle, as modulações, teias de controle, são empregadas de formas fluidas, mutantes. Sendo assim, saem do esquema da sociedade disciplinar em que os confinamentos são os moldes. Portanto, Deleuze (1992: 222) aponta que “A velha toupeira monetária é o animal dos meios de confinamento, mas a serpente o é das sociedades de controle”.

Logo, a sociedade de controle se torna atraente. Desta forma, a mídia visa o adestramento das identidades femininas e masculinas, ou seja, pretende apreender mulheres e homens a certos padrões de normalidade. Vale salientar que as novelas e suas subjetividades estão presentes em toda a sociedade. Portanto, não se pode negar o seu poder em influenciar e criar novos hábitos e comportamentos.

Alguns estudiosos, sobre identidade, afirmam que somos sujeitos pós-modernos². Este se constitui como um corpo fragmentado, no qual o sujeito não é mais único e centrado, pois a sua identidade vive em fluxo, sendo atravessada por várias outras identidades. Desta forma, passa a possuir várias identidades, às vezes contraditórias, pois os deslocamentos identitários são constantes.

Argumenta Hall (2001: 87) que essa mudança na concepção de sujeito e, conseqüentemente, de identidade, foi ocasionada pelas rupturas, na modernidade tardia³, dos discursos do pensamento moderno.

[...] Ela (a globalização) tem um efeito pluralizante sobre as identidades, produzindo uma variedade de possibilidades e novas posições de identificação, e tornando as identidades mais posicionais, mais políticas, mais plurais e diversas; menos fixas, unificadas ou trans-históricas [...].

² Não sei se somos *isso* ou *aquilo*. Essas nomeações me causam certas desconfianças. É muito estranho ver as pessoas achando que tudo que é diferente é pós-moderno. Se uma mulher é liberal, do ponto de vista sexual, é pós-moderna, se um homem é cheio de tatuagens e piercings é pós-moderno, se uma senhora de 70 anos faz exercícios e sai para as baladas é pós-moderna. Sendo assim, quem são os pós-modernos? Será que todos os sujeitos são pós-modernos?

³Nesta concepção, a modernidade tardia exprime um novo período histórico característico da sociedade globalizada.

Para o referido autor, os postulados do pensamento moderno passam por um movimento de deslocamento, no qual o homem deixa de ser um sujeito centrado, universal e essencial; sua identidade não é mais concebida como algo fixo e inato desde o nascimento, quando as redes de significações, simbólicas e de identificação, passam a ter um papel importante; a linguagem passa a ser entendida como um sistema que cria significados mutáveis nos nossos sistemas culturais, não mais um sistema individual.

As identidades posicionais⁴ se inscrevem no momento em que o sujeito assume diferentes posições de identidade de acordo com a necessidade do momento. A identidade feminina carrega em si uma série de significações e papéis culturais e sociais a desempenhar. Porém, essa mesma mulher no seu dia-a-dia apresenta uma identidade posicional no sentido que pode ser mãe, profissional, amante, gostar de mulheres, filha, etc. Essas múltiplas identidades serão vivenciadas de formas diferentes para cada momento.

O conceito de deslocamento é muito interessante para se pensar sobre as identidades em fluxo ou fragmentadas, em parte proporcionadas pela abertura e inovações das tecnologias da informação e comunicação, como a mídia televisiva e a Internet, ou as chamadas ciberidentidades⁵.

Para Woodward (2000: 17-18), o processo-chave para essas identidades em fluxo ou fragmentadas é o discurso da mídia, que se utiliza dos sistemas simbólicos e das redes de significação para criar modelos a serem subjetivados e seguidos. Essa autora afirma que:

A mídia nos diz como devemos ocupar uma posição-de-sujeito particular – o adolescente ‘esperto’, o trabalhador em ascensão ou a mãe sensível. Os anúncios só serão ‘eficazes’ no seu objetivo de nos vender coisas se tiverem apelo para os consumidores e se fornecerem imagens com as quais eles possam se identificar.

Douglas Kellner (2001: 303) também acredita que as identidades estão em constantes mudanças, onde podemos observar modelos cambiantes ditados pela mídia. O discurso da mídia, através de suas imagens, sons, enredos, histórias e narrativas, possui ideologias e significados variados, exercendo a televisão um grande fascínio nos telespectadores.

⁴ Eve Sedgwick (1993, p. 253, *apud* Louro, 2004, p.54, grifos de Louro) exemplifica muito bem as contradições das identidades e dos seus marcadores simbólicos: “O uso do nome de casada por uma mulher torna evidente, *ao mesmo tempo*, tanto sua *subordinação* como mulher quanto seu *privilégio* como uma presumida heterossexual”. Nesse sentido, o marcador simbólico – nome de casada – assume significados diferentes em dados momentos. Esses deslocamentos se inscrevem cotidianamente na vida das pessoas.

⁵ Saliento que a ciberidentidade não é a identidade do mundo tecnológico, mas apenas mais uma possibilidade entre os vários fragmentos e deslocamentos.

As pessoas assistem com regularidade a certos programas e eventos; há fãs das várias séries e estrelas com um grau incrível de informação e conhecimento sobre o objeto de sua fascinação; as pessoas realmente modelam comportamentos, estilos e atitudes pelas imagens da televisão[...].

Para esse autor, a televisão tem uma importância inegável na reestruturação das identidades e exerce a função de um espelho de identificação. Isto ocorre devido à proximidade das pessoas com esse objeto, criando as mesmas um vínculo afetivo com esse meio de comunicação.

Apesar de a televisão apresentar-se como um meio de entretenimento, ela vai além desse ofício, pois molda gostos, sentimentos e atitudes. Esse ofício de moldar não é encarado pela televisão de uma forma inocente e despreziosa. Programas e novelas são direcionados a grupos específicos de sexo, de idade e de condição social na intenção de educar e adestrar os corpos e as almas dos telespectadores, criando uma dinâmica de mundo. Logo, a sua dimensão educativa se concentra no controle e na disciplina.

Para Deleuze (1992: 221-222):

Nas sociedades de disciplina não se parava de recomeçar (da escola à caserna, da caserna à fábrica), enquanto nas sociedades de controle nunca se termina nada, a empresa, a formação, o serviço sendo os estados metaestáveis e coexistentes de uma mesma modulação, como de um deformador universal.

A televisão, enquanto um modulador universal do mundo ocidental, nunca cessa de se revestir de um discurso atraente. A atração que o discurso televisivo propaga tenta se aproximar do sentimento de proximidade e de identificação das pessoas que estão do outro lado da tela. A televisão é um mecanismo de controle contínuo, ou seja, os deslocamentos circulam em prol da manutenção do controle.

Na nossa sociedade, os discursos, através da mídia, da Igreja, da política, da família, etc. vêm reforçando vários estereótipos de mulher, de homem, de homossexual, de criança, de velho, de belo, de pobre, etc. Porém, esses discursos não circulam apenas nas instâncias institucionais, mas também nas esquinas, nos bares, nas praças, nos supermercados, mostrando que os poderes se multiplicam e se pulverizam no discurso não oficial, não institucionalizado.

Estamos sempre em busca de afirmar uma *verdade* e acreditamos que estamos sempre representando essa *verdade*, através dos signos. Entretanto, essa representação⁶ se concebe a partir de um discurso que possui intencionalidades, que nunca é inocente, aleatório ou desinteressado. Logo, Foucault (2004: 8-9) diz:

[...] em toda a sociedade a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por um certo número de procedimentos que têm por função conjurar seus poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e temível materialidade.

Este excerto mostra que o próprio discurso possui procedimentos de exclusão e que segue uma ordem certa de acontecimento, ou seja, todos precisam se enquadrar à ordem do discurso. Esse ritual da palavra vai além do ofício do falar, extrapolando os muros da simples comunicação para se transformar numa máquina de poder.

Sendo assim, na intenção de um discurso *verdadeiro*, Manoel Carlos escreve uma novela que pretende apresentar um cotidiano que se aproxima da *realidade*. Porém, apresenta um cotidiano construído de poderes aprisionantes e disciplinares. Nas imagens reveladoras de valores e intencionalidades, em *Laços de Família*⁷, circulam mulheres de diferentes identidades.

Na sua novela, as margens de diferença entre a protagonista e a vilã são borradas. Todas as suas personagens são revestidas de discursos que ora as aproximam do modelo de adequação a uma identidade normal, ora as distanciam. Mas, sempre indicando caminhos de adequação e lições morais para o encaminhamento desses corpos rebeldes, como no caso de Capitu e Íris.

As figuras femininas, veiculadas em *Laços de Família*, são representativas de uma nova *ordem* familiar, pois há um descentramento dos papéis das mulheres nas relações familiares, ou seja, estas passam a assumir papéis antes masculinos, como de chefe de família, provedora do lar. Essas identidades são revestidas de novas roupagens e sempre são reatualizadas. Porém, reforçam os velhos estereótipos de mulher. Sendo assim, em geral, os autores das novelas não se preocupam em questionar as identidades e diferenças, pelo contrário, reforçam as desigualdades culturais e sociais.

⁶ Entendo como representação não um atestado do que chamamos de realidade, mas como algo que dá sentido, a partir das narrativas, aos fatos, aos acontecimentos, às identidades, às diferenças, etc.

⁷ A novela *Laços de Família* é de autoria de Manoel Carlos, exibida na Rede Globo de 05/06/2000 a 03/02/2001. Porém, deixo claro que as minhas referências capitulares são originárias da gravação da reprise, no Vale a Pena Ver de Novo, de 28/02/2005 a 23/09/2005. Portanto, devido aos cortes efetuados pela emissora, pode ser que as minhas referências não sejam compatíveis com os capítulos da primeira exibição.

O carro-chefe de Laços de Família é a maternidade. Em síntese o que uma mulher é capaz de fazer em nome de um filho ou filha. Helena é uma figura representativa da abdicação de uma mãe. Vejamos, a seguir, a dimensão do seu amor, que na sua concepção não é só seu, mas de todas as mães.

[...] fiquei pensando em tudo que eu já fiz pela felicidade dos meus filhos e em tudo que ainda sou capaz de fazer. Não existem limites, não existem barreiras no meu amor por eles. Pra muita gente, eu tô errada, eu sei! Pode se dar tudo aos filhos, menos a nossa própria felicidade. Mas, como uma mãe pode ser feliz se a felicidade dos filhos não tá incluída nessa felicidade? A minha mãe era assim! Por amor a mim, ela me acompanhou, ela deixou a fazenda para vir comigo pro Rio, ela abriu mão de tudo e acabou perdendo o meu pai. Acho que essa renúncia pelos filhos é um mal de família. Na minha vida tem sido assim! Eu abri mão do Edu pela Camila e, pela Camila, abri mão de você (Cap. 141).

Nesse sentido, a identidade feminina é legitimada a partir de uma essência, o ser mãe. Na perspectiva biológica, o corpo estabelece fronteiras e diz quem somos. Uma marca de diferenciação, definida pelo discurso que se pauta nas diferenças biológicas, entre homens e mulheres é a maternidade, posto só a mulher ser capaz de gerar uma criança no ventre.

Afirma Louro (2004: 20-21, grifos da autora):

O argumento de que homens e mulheres são biologicamente distintos e que a relação entre ambos decorre dessa distinção, que é complementar e na qual cada um deve desempenhar um papel determinado secularmente, acaba por ter o caráter de argumento final, irrecorrível. Seja no âmbito do senso comum, seja revestido por uma linguagem ‘científica’, a distinção biológica, ou melhor, a distinção sexual, serve para compreender – e *justificar* – a desigualdade social.

A marca de diferenciação entre homens e mulheres diz quem somos e qual o nosso lugar na sociedade e na nossa cultura. Nessa perspectiva, a maternidade possui a função resgatar uma *verdadeira* essência feminina ligada aos ideais de normalidade de e em conformação com a sua função de mulher. A maternidade é o momento auge de afirmação da identidade feminina.

Camila, no diálogo com Edu embriagado, apresenta-nos a concepção de que a maternidade, assim como a paternidade, é algo natural e inerente ao ser humano como uma função ou regra da própria condição feminina. Fica subentendido que ser mulher é ser mãe.

Edu “Se eu cair nessa piscina, eu fico bom na hora”.
Camila “Nada de idéias suicidas, Edu”.

Edu “Por que que vocês, mulheres desde criança, têm instinto maternal, hein?”

Camila “Acho que é porque desde cedo sabemos que vamos ser mães”.

Edu “Mães. Mas a minha tia nunca foi mãe, sabe que não pode ser, mas tem instinto maternal”.

Camila “Coisa de mulher, Edu. Vocês, homens, também têm instinto paternal”.

Edu “Tá me gozando, é?” (Cap. 47).

Não são à toa que as novelas e os variados programas que circulam na televisão exploram tanto essa temática. São sempre temas que abordam o amor entre mães e filhos, o que uma mulher é capaz de fazer em nome do amor pelos filhos, as privações que uma mãe passa para dar uma vida melhor aos filhos, etc. Em contraponto a esses temas que estão em adequação a uma identidade normal, circulam temas que falam de mães que abandonam ou desprezam os filhos, mães que tratam mal os filhos, mães que não se preocupam com o futuro dos filhos, etc.

As imagens representativas de adequação a uma identidade *normal* não nos chamam tanto a atenção quanto as imagens de mães *desregradadas*, pois as mães *normais* apenas estão cumprindo com o seu papel social e cultural padronizado. As mães *desregradadas* sempre nos incomodam, pois vão de encontro a todas as imagens cristalizadas de que a mãe simboliza o amor, a doação, a entrega, o sacrifício e a dor do parto à criação, etc.

Na tentativa de apresentar um modelo de como deve ser uma mãe, Helena assume esse papel. Porém, a sua identidade também está muito próxima da mulher que luta pela sobrevivência. Nessa relação, fica evidenciado que a emancipação feminina só é conquistada com muita luta e determinação.

Nas telenovelas, os binarismos, homem/mulher, rico/pobre, branco/negro, heterossexual/homossexual, jovem/idoso, são considerados as *verdades*, entre os jogos de relação de poder, de determinados momentos históricos e, até mesmo, a máquina propulsora das suas narrativas e dos seus enredos. Nessa perspectiva, as histórias ficcionais só acontecem a partir das lutas de poder entre os grupos relacionais dos binarismos.

Helena, ao ser expulsa de casa e depois de ter perdido o pai de Fred, teve que ir à luta, pois teve que sustentar dois filhos. Ivety resume o que Helena teve que assumir: “Eu acho que a Helena acabou assumindo muitos papéis, sabe? Mãe, pai, chefe de família. Deve ser muito difícil a pessoa conciliar disciplina e carinho sozinha”. (Cap. 26).

Mas, para tanto, teve a ajuda da sua mãe. Helena sempre deixa claro que a sua mãe foi muito importante para a sua vida e que nunca foi abandonada por ela. Tendo como exemplo a mãe, ela acredita que a sua renúncia pelos filhos é um mal de família.

Sabe, quando a minha mãe morreu, eu pensei que o mundo fosse acabar. Minha mãe era tudo pra mim. Porque era ela quem ficava com eles quando eu ia trabalhar, fazer alguns cursos para ter uma profissão. Ela era a minha mãe, o meu pai, minha irmã e minha amiga. Foi duro, muito duro, mas eu tive que levar a minha vida adiante (Cap. 19).

Portanto, analisando essa personagem do ponto de vista da maternidade, observo que o discurso novelístico constroem um enredo que pretende dá conta de práticas e ações de vida, buscando se revestir da sua própria capacidade de proporcionar emoção.

Em pleno horário nobre da televisão brasileira, passa uma cena de novela em que a menina rebelde agride e roga pragas a uma frágil grávida. O discurso moderno, apresentado pelo folhetim, afirma que esse corpo deve ser punido: desprezo, surra, perda trágica da mãe, etc. Depois o arrependimento: salvo um corpo *anormal*.

Logo em seguida, uma mãe faz tudo pela felicidade da filha e esquece da sua própria felicidade. Depois, essa mesma mãe se desespera e luta pela vida da filha, mais uma vez é capaz de tudo por esse amor. Vem a recompensa: sua filha se cura e seu amor a perdoa. A felicidade plena.

Nas subjetividades das telespectadoras e dos telespectadores circulam identidades *normais* e *anormais*. Depois de todo esse encaminhamento à normalidade, a novela cumpriu o seu projeto de disciplina e controle: ensinou o caminho de adequação à *identidade essencial de ser mulher* e o lugar que a família assume na nossa sociedade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DELEUZE, Giles. Post-scriptum sobre as sociedades de controle. In: DELEUZE, Giles. *Conversações*. Tradução de Peter Paul Pelbart. Rio de Janeiro: 34, 1992. Cap. 5, p. 219-226.

DUSCHATZKY, Silva; SKLIAR, Carlos. “O nome dos outros. Narrando a alteridade na cultura e na educação”. IN: *Habitantes de Babel – Políticas e poéticas da diferença*. Jorge Larroza e Carlos Skliar (org.). Belo Horizonte: Autêntica, 2001. P. 124.

FOUCAULT, Michel. *A Ordem do Discurso*. Aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 02 de Dezembro de 1976. Tradução Laura Fraga de Almeida Sampaio. 10. ed. São Paulo: Loyola, 2004.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva; Guacira Lopes Louro. 5. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

LOURO, Guacira Lopes. *Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista*. 7. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.

KELLNER, Douglas. Televisão, propaganda e construção da identidade pós-moderna. In: *A cultura da mídia – estudos culturais: identidade e política entre o moderno e o pós-moderno*. Tradução de Ivone Castilho Benedetti. Bauru, SP: EDUSC, 2001. Cap. 7, p. 295-334.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e Diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org). *Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000. p. 07-72.